

## Apresentação

Respeitável (e revolucionário) público, está no ar o número 11 da Revista de Comunicação Dialógica! Nessa edição homenageamos o dramaturgo José Celso e todos que lutam a favor da liberdade artística (com recursos!) em suas variadas linguagens e formas de expressão. Passado mais um carnaval carioca no qual se observou avante o processo de exploração da classe artística, estamos cientes que teremos muito trabalho pela frente. Enquanto nos desdobramos para viabilizar a alegria a nós mesmos e a milhares de turistas, o Estado e as empresas nos ofereceram pouquíssimo apoio e lucraram sem moderação com a arrecadação de impostos e ações de marketing (até telefone fake para os ladrões levarem, tivemos esse ano nos blocos. Já segurança pública...). Com muita ousadia e criatividade, os blocos e escolas de samba deram a volta por cima de tudo isso e nos encheram de emoção, alegria e força para seguir em frente. Viva o Zé Pereira, viva o carnaval!

Procuramos aqui dar uma modesta contribuição reunindo alguns textos que discutem o estado da arte da própria arte. E, fomos brindados com um número bastante diverso, como vocês poderão ver. Temos todas as modalidades de textos (entrevista, relatos, resenha e artigos), sobre diferentes perspectivas e campos do universo cultural.

O número começa com a entrevista com Tothi, que lança luzes sobre a temática da corporalidade afrodiáspórica e do cinema documental no país. Além disso, problematiza dificuldades de acesso às oportunidades e destaca duas questões: o distanciamento dos grandes centros urbanos e as questões étnico-raciais presentes em diversas camadas de nossa sociedade. As ações coletivas em sua região revelam esforços para a transformação deste estado de coisas no espaço de trabalho, impulsionados pela autenticidade e profunda confiança naquilo que se quer propor. No seu trabalho, conduzido sob a perspectiva Griot, Tothi demonstra envolvimento comunitário com a equipe a partir dos ensinamentos adquiridos em suas experiências audiovisuais. Dessa forma, ele se torna a memória viva dos registros vividos ou imaginados.

O primeiro relato de experiência narra uma história linda e importante. O texto de Adailton Medeiros, editado a partir de um discurso proferido na Assembleia do Estado do Rio de Janeiro, na ocasião do recebimento do Prêmio Heloneida Studart, apresenta as principais realizações do Ponto Cine, uma sala de cinema em Guadalupe, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, que constituiu uma referência para a classe artística em termos de projetos voltados para a democratização da cultura no Brasil. Oferecendo alto conforto e qualidade a preços populares, o Ponto Cine, por meio de diversas iniciativas, formou público para o cinema, incentivou o cinema nacional, ofereceu oportunidades para novos realizadores, promoveu a abertura de cineclubes em escolas de todo o Estado, dentre diversos outros feitos. Mesmo proporcionando todos estes benefícios para a sociedade, tivemos que assistir à falta de sensibilidade dos órgãos públicos no sentido de viabilizar a continuidade da iniciativa, o que revela a vulnerabilidade com a qual ainda precisamos conviver nesse campo. A iniciativa deixa um legado inestimável para a produção cultural brasileira, servindo de referência para estudos e para as políticas culturais. Evoé, Ponto Cine!

Com um estilo de escrita único, que mescla linguagem científica com literária, em diferentes gêneros, Fernanda Branco nos relata um pouco do processo de desenvolvimento da sua tese de doutorado em pesquisa artística pela Oslo National Academy of the Arts. Centrado nas percepções e sentimentos sobre a sua identidade nacional indefinida - já que a autora é

---

brasileira, vive há décadas na Noruega e retorna para fazer pesquisa de campo no Brasil -, o relato aponta também para algumas outras questões relacionadas, tais como as diferenças linguísticas, étnicas e ambientais, denunciando diversos tipos de exploração e preconceito derivados do caráter colonial da dominação política ao longo da história e revelando as inquietações por estar, ao mesmo tempo, dos dois lados neste processo. Inquietações que são resolvidas e constantemente ressignificadas pelo movimento permanente do seu corpo que dança, que brinca o carnaval, que transita nestes mundos distintos e, portanto, produz novos significados para si e para o mundo. Para além do próprio relato, vale conferir o trabalho artístico de Fernanda, que mistura com beleza, delicadeza e inteligência diferentes linguagens em suas performances.

Assim como veremos em relação a um dos artigos deste dossiê, as resenhas que recebemos surgiram a partir de um curso de graduação. O trabalho final da disciplina “Comunicação & Arte”, da Faculdade de Comunicação Social da Uerj, ministrada pelo professor Marcelo Hernandez no segundo semestre de 2023, consistiu em uma resenha de qualquer produto cultural à luz da bibliografia estudada no curso, com a possibilidade de publicação na RCD para aqueles trabalhos que se destacassem. A partir daí, recebemos duas contribuições que nos enchem de orgulho.

A primeira delas, por meio de uma breve análise da trajetória de Tarsila do Amaral, sua obra e a importância das mesmas para o movimento modernista brasileiro, aponta para as relações entre a arte e a política. Ao realizar essa costura, a autora Manuela N. Tostes da Silva nos revela as especificidades do modernismo no Brasil e nos remete a um momento crucial para a arte brasileira, a partir do qual foram gestados outros movimentos subsequentes e algumas das nossas expressões culturais mais ricas e inovadoras, tais como o movimento tropicalista, o Cinema Novo e o Teatro Oficina.

A segunda resenha, escrita por Nuno Melo, analisa o contexto e os bastidores da produção, alguns significados atribuídos e as transformações sociais que emergem na esteira de um dos produtos culturais mais importantes da história da música, a saber, o disco “Sgt Peppers Lonely Hearts Club Band”, dos Beatles. O autor aponta para o caráter metalinguístico da obra como estratégia para a crítica ao universo midiático; para o debate entre hibridização cultural e as relações entre tradição e modernidade nas artes; assim como para a arte como expressão de modos de vida e formas sociológicas. Vale muito conferir este trabalho!

Ao lado do relato de Adailton Medeiros, nosso primeiro artigo refere-se também ao universo do audiovisual, que se tornou um grande veículo de difusão das nossas experiências culturais. O artigo de Luiz Felipe M. Godinho é certeiro ao expor os gargalos enfrentados pela produção audiovisual, privilegiando poucas produtoras de alcance nacional e comercial em detrimento da grande maioria, que sofre com as regras de pontuação estabelecidas pela Ancine, as quais prejudicam uma significativa parcela do setor. Merecem também destaque as observações sobre o campo da captação de recursos, que exige conhecimento interdisciplinar, bem como considerável capital de giro para perpetuar suas operações contínuas. Isso evidencia o acesso privilegiado aos recursos, ratificado pela lógica da política em vigência.

O artigo de Karina Poli traz à tona uma valiosa experiência de integração entre ensino e pesquisa. Com seus alunos da disciplina Tópicos Especiais de Turismo da UERJ, a autora inicia um trabalho de pesquisa que relaciona as áreas da Economia Criativa, Turismo e Comunicação Digital. Ao lado da originalidade metodológica, merecem destaque também os corredores culturais pesquisados, a saber, a Pequena África e a Lapa, espaços fundamentais para expressão cultural carioca que precisam ser mais pesquisados. O texto mostra a relevância da

---

da participação social na constituição destes espaços e aponta para alguns condicionantes impostos pela era digital.

E, por fim, o artigo de Amélia Reis e Renata Mansur evidencia o importante trabalho educativo desenvolvido pelo Museu das Lembranças de Chatila, situado em um campo de refugiados palestinos localizados em Beirute, Líbano. Este museu consegue transformar a dor e a destituição de um povo em força motriz na busca por justiça e direitos humanos. Este exemplo vivo serve para nós, brasileiros, negros e indígenas, cujas histórias foram apagadas por séculos. Isso nos leva a uma reflexão profunda sobre as políticas culturais brasileiras e a promoção da cidadania, especialmente no campo da educação patrimonial.

O compilado de tantas reflexões nos lembra que para tudo isso existir, é necessário perseverar na atualização de nossas memórias coletivas, de modo que possamos sempre referenciar as diversas formas de existir nesse mundo, seja pelo cinema, na folia, no turismo ou em um museu.

Encerramos nossas reflexões, porque é necessário seguir adiante, em certo alvorecer de fim de verão, reverberando um recém-carnaval que se espalhou e se espremeu com músicos, foliões e ambulantes em busca de experiências catárticas que somente Momo é capaz de proporcionar em tantas cidades, bairros e vielas do país.

*Carolina Marques Henriques Ficheira  
Marcelo Ernandez Macedo*